



## A publicação do falso romance-folhetim “A Mão do Finado” em jornal brasileiro e a polêmica da autoria<sup>1</sup>

Rosângela Maria Oliveira Guimarães \*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

### Resumo

O presente texto aborda o tema da falsa autoria do romance “A Mão do Finado”, escrito pelo português Alfredo Possolo Hogan, o qual foi indevidamente atribuído ao autor francês de romance-folhetim, Alexandre Dumas, como sendo a continuação da famosa obra “O Conde de Monte Cristo”. A questão causou protesto por parte do folhetinista francês, manifestada em carta enviada ao *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, quando da publicação do romance no Brasil.

**Palavras-chave:** romance-folhetim; edições populares; falso folhetim; mídia impressa.

### Imprensa, folhetim, romance-folhetim no Brasil

A relação entre imprensa e literatura e mais, precisamente, entre imprensa e romance-folhetim foi muito forte no Brasil, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, em virtude do modelo francês de publicação de narrativas em série, bem aceito na imprensa do país nesse período.

Segundo Marlyse Meyer, especialista no assunto, folhetim corresponde a um espaço específico do jornal, o rodapé. Esse modelo de publicação aparece, na França, no início do século XIX. São publicadas aí desde receitas de cozinha, de beleza a resenhas sobre livros. No decorrer dos anos, o folhetim é agrupado conforme o conteúdo que veicula: “dramático”, “literário”, além da categoria “variedades”, através da qual propagam-se contos e novelas curtas.

Atentos para o sucesso que as publicações nos folhetins dos jornais vinham alcançando entre o público leitor, e de olho no lucro que esse tipo de empreendimento traria, o jornalista Émile de Girardin, dono do jornal *La Presse*, associa-se a Dutacq, do *Le Siècle*, para publicarem “ficção em pedaços” no espaço antes destinado às *variedades*.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

Nascia o romance-folhetim na França. A estratégia do corte de seqüências, seguida do aviso “continua no próximo número”, elementos característicos desses romances, aguçaram a curiosidade dos leitores de tal forma que fez do novo gênero um completo sucesso, aumentando as tiragens dos jornais que o veiculavam e, conseqüentemente, diminuindo o custo das assinaturas. O primeiro romance do tipo foi *La Vieille Fille*, de Balzac, publicado em 1836. Em 1838, *Le Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, consagra o gênero, assim como o talento do autor na escritura folhetinesca.

*Capitaine Paul* é também o primeiro romance-folhetim a ser traduzido e publicado no Brasil, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, ainda em 1836. A partir desse momento, não só as obras de Dumas como de Eugène Sue, Balzac e outros folhetinistas franceses consagrados, foram traduzidas para jornais da corte e de todo o país, na época. (Meyer, “Folhetim”, 1986).

Uma vez consolidado no Brasil, o modelo francês de publicação de ficção seriada, passou a ser ‘vitrine’ para divulgar a literatura nacional nascente, como também a estrangeira traduzida. Todos os grandes escritores brasileiros publicaram seus romances em folhetins dos grandes jornais, seguindo as mesmas técnicas folhetinescas do gênero francês, antecedendo o lançamento em livro.

### **Polêmicas com relação à autoria**

Durante levantamento das edições dos romances de Alexandre Dumas, traduzidos no Brasil, encontrou-se “A Mão do Finado”, publicado pelo Clube do Livro, de São Paulo, na década de 50, e pela Brasiliense, em 1925. Trata-se de um falso folhetim. A edição do Clube do Livro traz uma nota explicativa<sup>2</sup>, assinada pelo escritor Afonso Schmidt, à época, membro do conselho editorial, e esclarece que o romance não foi escrito por Dumas, mas que resultante de uma estratégia publicitária, um editor português divulgou, indevidamente, como autor o nome de Alexandre Dumas, fazendo os leitores acreditarem que se tratava de uma continuação do “Conde de Monte Cristo”.

---

\* A autora é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e pesquisadora do Centro de Estudos da Oralidade do COS/PUC-SP.

<sup>2</sup> In: *A Mão do Finado*, de Alexandre Dumas. São Paulo: Clube do Livro, 1958. Também foi localizada uma edição publicada pela Editora Brasiliense, de São Paulo, em 1925.



Em 23 páginas, Schmidt, primeiro, descreve a cidade de Lisboa, para em seguida falar sobre o verdadeiro autor deste romance, o português Alfredo Possolo Hogan. Consta que era um funcionário público apaixonado por literatura.

Segundo a nota, era um autor popular. Usava o tempo livre para escrever romances, comédias e peças teatrais. Certa vez, achando-se sem dinheiro, vai à livraria do Sr. Luís Correia da Cunha, onde eram editados romances em fascículos de Paul Féval, Xavier de Montépin e uma série de “O Conde de Monte Cristo”, de Dumas. Tem início o seguinte diálogo entre ambos:

“Por que não o edita? – Isso é outra coisa. Já pensei nessa possibilidade, mas tive de convir que meus fregueses preferem “O Conde de Monte Cristo”. Vende-se tudo, não há mais a medir! Vai reeditá-lo? – Vou, está claro. Mas estive a pensar numa continuação do “Conde de Monte Cristo”, produção particular aqui da casa... E quem poderá arcar com tamanha responsabilidade? – Você! – Eu? – Fez Hogan, sem poder acreditar no que ouvia. – Sim, você. Não é, por acaso, autor de romances do mesmo gênero, como “Os dois Anjos, ou Um casamento forçado?”. Se leu meus fascículos, não tem mais do que tomar os personagens e, com eles, compor o fim que falta ao romance de Alexandre Dumas. Publicá-lo-ei nesta coleção e com a mesma assinatura do autor de “Os Três Mosqueteiros”. – Mas isso será uma contrafação! O autor prejudicado chamá-lo-á à barra dos tribunais! – Não creia nisso. Alexandre Dumas, neste momento, está muito ocupado em provar que é ele próprio quem escreve os seus romances. Bacoreja-me até que ele vai apreciar devidamente este golpe de publicidade! – Está bem, aceito a incumbência, mas acontece que estou muito necessitado de três meias coroas” (Dumas, 1958, p. 7).

A nota esclarece ainda:

“Aqueles punham em dúvida a autoria de Alexandre Dumas em muito de seus romances foram os primeiros a aceitar a Mão do Finado como obra do autor do “Conde de Monte Cristo”. E desse modo o livro de Alfredo Possolo Hogan passou a ser definitivamente de Alexandre Dumas, figurando tal como em muitos catálogos da França e de outros países, incluindo Portugal e Brasil” (Dumas, 1958a, p. 20).

Segundo Schmidt, no Brasil, a história foi traduzida da versão francesa, para o folhetim do *Diário do Rio de Janeiro*. Em nota, o jornal carioca dá as boas novas aos leitores, fazendo-os acreditar que o romance era de autoria de Dumas:

“M. Dumas, sempre fértil em pensamentos com uma alma que transluz o espírito, compreender a importância que tinha o seu romance, quando viu o acolhimento que lhe foi dado na Bélgica, na França, Portugal e em vários países da Europa e até do Brasil: julgou tão acertado continuar essa história, que muito tem de moral, e na qual o herói representa um papel extraordinário, que deu a lume um outro romance com o título de “A Mão de Finado”, que acabamos de receber e vamos publicar, certos de que nossos leitores lhe darão sabido apreço” (Dumas, 1958b, p. 21).



## A carta

Mas o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, do dia 31 de dezembro de 1854, publicou uma suposta carta de Dumas negando a autoria do romance, a qual Schmidt diz ter transcrito a partir do livro “Romances que não foram escritos”, de Raimundo Menezes, editado pela Livraria Martins de São Paulo, em 1957:

“Senhor Redator. Soube que se publicou no Rio, isto é, uma das cidades da América do Sul, onde tenho a honra de ser mais conhecido, graças à benevolência que sempre me testemunharam os leitores que conto nessa bela e poética cidade, um romance que fazem passar por ser meu e é anunciado como a continuação do “Monte Cristo”. Nunca fiz e, ainda que freqüentes vezes solicitado nesse sentido, provavelmente nunca farei a continuação desse livro, que me parece dever acabar vagamente e num horizonte perdido, como num conto das Mil e Uma Noites, ou um poema de Byron.

Peço-lhe pois a fineza, Sr. Redator, cujo jornal tão espalhado está no mundo literário e político, de desmentir em meu nome essa notícia que será talvez de pouca importância para os outros, mas de uma certa gravidade para mim. Digne-se aceitar, Sr. Redator, os meus mais sinceros agradecimentos. Paris, 20 de outubro de 1854 – Alexandre Dumas” (Dumas, 1958c, p. 21).

## Um falso romance-folhetim?

Mas o que temos afinal? Um falso romance-folhetim, tendo em vista o problema da autoria? Sabe-se que essa polêmica não envolve apenas uma manobra publicitária, como o editor português colocava, conforme a nota de Schmidt, mas uma questão ilegal, em que há a apropriação do nome de um autor famoso para atrair mercado.

O que fica claro após a leitura do romance em questão é que as técnicas folhetinescas aparecem bem demarcadas no enredo. Esse fato comprova que Alfredo Possolo as dominava, levando-se em consideração que era autor de romances populares e leitor assíduo de literatura e, conseqüentemente, das obras de Dumas. Bastante conhecedor dessa estrutura folhetinesca, ao que parece, Possolo foi muito criativo no que se refere à idéia de produzir um final para “O Conde de Monte Cristo”, ao invés de se encarar a história como um mero desenvolvimento sobre o tema da vingança, constante no romance de Dumas.

### **Os elementos folhetinescos de “A Mão do Finado”**

O degredado e bandido Benedetto é o personagem principal da história, que age movido pelo desejo de vingança contra Edmundo Dantés, conhecido como o conde de Monte Cristo no romance-folhetim de Alexandre Dumas.

Na trama ele foge de uma prisão francesa, após assassinar o carcereiro, quando fingia suborná-lo.

Ainda, na prisão, recebe uma carta do juiz Villefort que revelava ser seu pai. Diz-lhe também que a baronesa Danglars é sua mãe, um grande segredo guardado até aquele momento. Além disso, pede-lhe que se vingue de Monte Cristo, segundo ele, homem que destruiu sua família. No romance de Dumas foi Villefort quem condenou injustamente Edmundo Dantes à prisão na fortaleza de If, para proteger seu pai, um seguidor do regime de Napoleão Bonaparte, em Paris.

Tudo começou quando Danglars, um subordinado de Edmundo no navio da família Morel, que por ambicionar o cargo de capitão, incitou Fernando, enamorado por Mercedes, o grande amor de Dantés, a denunciá-lo como sendo seguidor de Napoleão Bonaparte. Pois sabia que a embarcação da família Morel apresentou problemas, durante uma das viagens, e atracou na ilha de Elba, ocasião em que Bonaparte enviou uma carta, pelo jovem comandante, ao pai de Villefort, em Paris. E caso a ligação do pai de Villefort com Napoleão viesse a público seria um escândalo para o regime que o juiz representava.

O enredo de Alfredo Possolo logo chama a atenção quanto às características folhetinescas. O tema da criança abandonada pelos pais, que se torna bandido em decorrência desse fato; a descoberta da paternidade e o pedido de vingança do pai, já falecido; a carta que revela antigo segredo de família; a natureza bandida e assassina do personagem principal, a fuga da prisão, entre outras. O ritmo folhetinesco torna-se intenso, e com tema macabro, bem ao estilo da primeira fase da escola romântica francesa. Benedetto vai ao cemitério onde está sepultado o juiz. Ali viola vários túmulos e rouba as jóias que ornaram os cadáveres. Na sepultura do pai arranca a mão do cadáver e passa a usá-la como talismã.

Foge para Roma e inicia a perseguição a Monte Cristo. Inventa muitas calúnias, entre as quais, que o conde violou o jazigo da família Villefort, arrancou a mão do cadáver do juiz e a usa como talismã, na tentativa de aterrorizar a população, com narrativa tão assustadora.

Em conversa com Pastrini, o dono da pensão onde se hospedou, narra sua própria trajetória de bandido, atribuindo-a a Monte Cristo, na tentativa de dar veracidade ao boato, aliás, um aspecto presente em toda a trama:



“Esse homem que se julga superior aos demais tem abusado de tudo e de todos e está perseguido pela justiça. Ultimamente, tomou em Paris o nome de Benedetto, intitulou-se depois príncipe André de Cavalcanti, e evadiu-se do cárcere, assassinando o carcereiro, dirigiu-se depois ao cemitério de Père Lachaise, onde profanou um túmulo e roubou as jóias dos cadáveres. E tomando outra figura foge da França, dirigindo-se, segundo parece, para a Itália onde tudo indica tem relações secretas abomináveis” (Dumas, 1958d, p. 56).

Em um trecho do romance, Benedetto assume a identidade de Monte Cristo para roubar a própria mãe. Num bilhete diz que sabe de seu segredo e marca um encontro. No local combinado, ele a rouba, além de ameaçá-la de morte, sem demonstrar remorsos.

Em seguida, alia-se aos bandidos Vampa e Pepino para destruírem Monte Cristo. Conta-lhes mais uma história fantasiosa: que a mão de finado foi o talismã usado pelo conde para conseguir os ricos tesouros. Planejam o seqüestro de Eugenia d’Armilly, a filha de Danglars, para pedirem valioso resgate. Mas Vampa se apaixona pela vítima, e fogem de Roma. Com sua natureza diabólica, Benedetto não só rouba o comparsa como o denuncia à justiça romana. Note-se que mais duas características das tramas folhetinescas aparecem: os sucessivos roubos, o seqüestro da dançarina e a ligação amorosa da jovem pura com um dos bandidos.

Mercedes, o grande amor de Edmundo Dantés no romance de Dumas, aparece na narrativa. Está idosa, doente e na miséria. E a paixão que sentia por ele se transformou em ressentimento. Em determinada ocasião, adverte o filho que o conde é um homem vingativo e que ele deve se proteger.

### **A vingança**

No final da história acontece um baile de máscaras e um jantar beneficente, promovidos por um anônimo. O conde e sua esposa Haydée são convidados de honra. Mendigos estão presentes e Monte Cristo despoja o filho das ricas vestes para dar exemplo de humildade. A mãe permite que todos ali o beijem. A criança é raptada por Benedetto que, por vingança, dá para um casal desconhecido criar. Típico da trama folhetinesca descobre-se mais adiante que a criança foi confiada, sem que ela soubesse a identidade, aos cuidados de Valentina, por quem Monte Cristo tinha muito carinho. Deu-lhe até sua fabulosa ilha de presente.

Percebe-se que, na concepção do bandido, só a perda do filho seria a vingança adequada contra Monte Cristo e, conseqüentemente, perda da família, pois a esposa se suicida com uma dose de veneno. Em vão, o conde implora:

“Dou-lhe minha riqueza, tudo, em troca de meu filho! – Nunca mais o verá. Roubou-o a mão de finado. Um segredo igual ao do sepulcro paira agora sobre o seu nascimento.



Miserável! Homem ou demônio, não calcula o meu sofrimento, porque não é pai e desconhece o amor paternal. Peça-me o que quiser, dar-lhe-ei pelo resgate de meu filho” (Dumas, 1958e, p. 153).

Permanece a idéia de uma vingança inspirada pela vontade divina, que teria motivado, por razões diferentes, ambos os personagens:

“Tanto eu como você não fomos mais que instrumentos da alta justiça de Deus. Nossa tarefa está finda e voltaremos ao nada. A família Morel está feliz, assim como as outras famílias, com as quais você repartiu sua felicidade, e você acabará na miséria porque teve o orgulho de se julgar inspirado como um apóstolo. A dívida está paga e a mão de finado vai voltar para o cadáver” (Dumas, 1958 f, p. 158).

O que fica também do episódio da autoria de “A Mão do Finado”, descrito por Schmidt, para além das questões da autoria, é que no universo da produção literária de massas, em Portugal, um editor popular confia a um escritor contratado a “matriz impressa”,<sup>3</sup> a partir da qual ele deverá escrever novo romance, com a pretensão de apresentar um final para a famosa trama de “O Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, cabendo-lhe manter a coerência narrativa.

A escritura de um romance, objetivando concluir o enredo de outro, como é o caso de “A Mão do Finado” em relação ao “Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, demonstra a vitalidade desse texto na tradição, e sendo assim essa continuidade textual pode ser encarada como um dos possíveis desdobramentos de um ‘grande texto’, que se adapta infinitamente. Por isso, para além da polémica que envolve a autoria do romance de Alfredo Possolo, o que percebemos é o desdobramento de uma outra história, com as mesmas características folhetinescas daquela que a inspirou, sob pretexto de conclusão de um romance que o escritor Alexandre Dumas teria deixado em aberto.

## **Bibliografia**



MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PIRES FERREIRA, Jerusa. *Cavalaria em Cordel*. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. Cultura é memória. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 114-120, dez. 1994/ fev. 1995.

\_\_\_\_\_. A voz de um editor popular. *Revista História*, São Paulo, USP, no. 125-126, p. 105-115, ago-dez/91 a jan-jul/92.

### **Edições populares de romances-folhetins consultadas**

DUMAS, Alexandre. *O Conde de Monte Cristo*. São Paulo: Edições LEP, 1946. (Coleção Capa e Espada). 2 volumes.

\_\_\_\_\_. *A Mão do Finado*. São Paulo: Brasiliense, 1925.

\_\_\_\_\_. *A Mão do Finado*. São Paulo: Clube do Livro, 1958.

---

<sup>3</sup> Cf. Jerusa Pires Ferreira. *Cavalaria em Cordel*. São Paulo: Hucitec, 1993.